

CONHECIMENTO E INTERVENÇÃO
ARGUMENTOS PARA A OPÇÃO PELA
CONSTRUÇÃO DE UMA HEGEMONIA SOCIALISTA
- os estudos do lazer em questão -

Elza Margarida de Mendonça Peixoto

Boa noite a todos... Agradeço aos organizadores do III Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte a oportunidade de trazer a público algumas reflexões que estou fazendo em meu doutoramento quanto às perspectivas/possibilidades da atuação profissional no âmbito do lazer contribuir para a emancipação humana. Neste contexto, trago **reflexões preliminares que apontam a produção do conhecimento tal como a conhecemos** como uma situação constitutiva do modo capitalista de produção que não é passível de superação pela via exclusiva da reflexão teórica ou da discussão coletiva. A produção do conhecimento referente aos *estudos do lazer* no Brasil expressa as relações do modo de produção da existência capitalista e a superação das concepções predominantes na produção do conhecimento como um todo, e, especificamente, no âmbito dos *estudos do lazer*, passa pela superação dessas condições de produção da existência. Defendo a tese da **produção da superação da hegemonia capitalista dominante** rumo à **construção de uma outra hegemonia** socialista, mas em nenhum momento descolo esta tese da concepção de que a superação do capitalismo só será plena quando revolucionadas as condições de produção da existência. Reconhecendo a emancipação humana como um projeto histórico iniciado com os socialistas utópicos e aprimorado pelo socialismo científico de Marx e Engels, procuro retomar **as implicações deste projeto histórico** para a estruturação de reflexões radicais e rigorosas sobre os *estudos do lazer* no campo do marxismo.

Luta de Classes, hegemonia e revolução.

Pensando nos processos históricos que nos trazem até onde estamos hoje, recupero o contexto em que surge a expressão hegemonia¹. No início do

1 - Sasson (2001, p. 177) indica o uso de hegemonia por Lênin, Bukrarin, Stalin, ino entanto, entende que o pleno desenvolvimento como conceito marxista pode ser atribuído a Gramsci. Dias (2000) aprofunda esta discussão negando uma tendência no interior do marxismo à redução da noção de hegemonia presente no

século XX, naquele período que Hobsbawm vai chamar de *Era da Catástrofe*, no momento de extrema depressão econômica e enfraquecimento do capitalismo, militantes e trabalhadores europeus organizavam-se em movimentos e revoluções com vistas à superação da condição de exploração. Derrotado este esforço, Gramsci, um intelectual e militante revolucionário comunista italiano, esforça-se por compreender as condições objetivas que permitiram a derrota do movimento revolucionário italiano e a contra revolução de Mussolini². Particularmente, dedica-se ao entendimento do *papel dos intelectuais italianos* neste processo, e como o novo Estado-nação foi o resultado de uma “revolução passiva”, em que a massa camponesa deu o mais passivo consentimento à nova ordem política (SASSON, 2001, p. 166). Refletindo sobre os processos que levam a este consentimento, Gramsci chega a expressão hegemonia³ enquanto *teia de crenças e relações institucionais e sociais* que sustenta um grupo político aprisionando ideologicamente o grupo social explorado. Conclui que a destruição da velha sociedade passa pela construção simultânea de uma nova ordem efetivada em uma *batalha cultural*

pensamento gramsciano “a uma mera aplicação da obra de Lenin”. O autor defende que há uma especificidade do pensamento gramsciano afirmando que “Gramsci parte de questões/problemas seus para enfrentar os problemas colocados à sua reflexão pelos campos político e ideológico (contraditórios) do seu tempo”. Defende que a questão da hegemonia já está presente, em 1916, em estado prático, no pensamento de Gramsci e que no período entre 1919-1920 (período dos Conselhos – biennio rosso) o conceito de hegemonia em Gramsci está, no fundamental, elaborado. (DIAS, 2000, p. 13-15).

2 - O fascismo veio para enterrar os derrotados e reestruturar o capitalismo na Itália. E isso só foi possível pela derrota prévia dos trabalhadores. (DIAS, agosto, 2006)

3 - Os apontamentos de Gramsci acerca da noção de hegemonia estão espalhados em vários cadernos de apontamentos escritos no cárcere entre 1926 e 1932. Assim a pesquisa sobre a noção de hegemonia em Gramsci pede a leitura deste conjunto de cadernos, organizados, na edição da Civilização Brasileira, em 06 volumes publicados em 2001. Embora não esteja me dedicando a Gramsci neste doutoramento, fiz o exercício de rastrear a noção de hegemonia a partir do índice dos principais conceitos anexo ao Volume 6 da edição referida. Impossibilitada de produzir uma síntese autônoma neste momento, recorro aos apontamentos esparsos de Gramsci e às sínteses efetuadas por comentaristas e especialistas tais como Dias (2000); Kohan (2006); Sasson (2001); Maestri & Candreva (2001). Encontrei no Caderno 13 (Breves notas sobre a política de Maquiavel), p. 48, parágrafo 18 um exame da polêmica Einaudi-Croce, no que toca às relações entre o economicismo, o liberalismo e a filosofia da práxis, no qual Gramsci aponta: “É no mínimo estranha a atitude do economicismo em relação às expressões de vontade, de ação e de iniciativa política e intelectual, como se estas não fossem uma emanção orgânica de necessidades econômicas, ou melhor, a única expressão eficiente da economia; assim é incongruente que a formulação concreta da questão hegemônica seja interpretada como um fato que subordina o grupo hegemônico. O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica.” (GRAMSCI, 2001, p. 46-55).

(KOHAN, 2004, p.22), uma **guerra de posição**⁴. Neste processo revolucionário, assume centralidade a figura do intelectual⁵ orgânico.

4 - Gramsci, pensando a revolução, dedica-se ao estudo da aplicação “dos conceitos da guerra manobrada e guerra de posição na arte militar e os conceitos correspondentes na arte política”. Referindo-se à “reviravolta decisiva na história da arte e da ciência política” por ocasião de 1917 (Revolução Russa), Gramsci aponta a necessidade de “estudar com “profundidade” quais são os elementos da sociedade civil que correspondem aos sistemas de defesa na guerra de posição”, criticando as análises até ali realizadas de “forma literária brilhante”, Gramsci aponta a necessidade de “indicações de caráter prático” (GRAMSCI, Volume 3, 2002, p. 73). Analisando o desenvolvimento da técnica militar (os avanços científicos que permitem o submarino, o bombardeiro e a guerra bacteriológica) indica ter-se desenvolvido uma incógnita da situação político militar. Comenta que “Esta situação da técnica militar é um dos elementos ais “silenciosamente” atuantes naquela transformação da arte política que levou à passagem, também em política, da guerra de movimento à guerra de posição do de assédio (GRAMSCI, Volume 3, 2002, p. 80). Alerta para o cuidado com a formulação de planos de luta que tomam por base a arte militar dos *arditi*, indicando que “as comparações entre militar e a política devem sempre ser estabelecidas *cum grano salis*, isto é, apenas como estímulos ao pensamento e como termos simplificados *ad absurdum*”. (...) “Na luta política, além da guerra de movimento e da guerra de assédio ou de posição, existem outras formas”. (...) na luta política não se pode macaquear os métodos de luta das classes dominantes sem cair em emboscadas fáceis.” (GRAMSCI, Volume 3, 2002, p. 122-123). Em Luta política e guerra militar, diz: “Na guerra militar, alcançado o objetivo estratégico (...) chega-se à paz (...) A luta política é muitíssimo mais complexa”. Comparado a luta política com as guerras coloniais, Gramsci destaca a luta política da Índia com os ingleses: “A resistência passiva de Gramsci é uma guerra de posição, que em determinados momentos se transforma em guerra de movimento e, em outros, em guerra subterrânea: o boicote é guerra de posição, as greves são guerra de movimento, a preparação clandestina de armas e elementos combativos de assalto é guerra subterrânea”. Em outra passagem, diz: “... nestas formas de luta mistas, de caráter militar fundamental e de caráter político preponderante (mas toda luta política tem sempre um substrato militar), o emprego dos *arditi* exige um desenvolvimento tático original, para cuja concepção a experiência da guerra só pode dar um estímulo, não um modelo” (GRAMSCI, Volume 3, 2002, p. 124-125). Trata-se de apontamentos sobre questões táticas e estratégicas no processo de revolução, que envolve ações político-militares, visando o alcance da revolução. Uma visão mais detalhada pode ser obtida na seguinte passagem: “Esta me parece a questão de teoria política mais importante posta pelo período do pós-guerra e a mais difícil de resolver corretamente. (...) Só indiretamente (mediatamente) esta passagem na ciência política está ligada àquela ocorrida no campo militar, se bem que, certamente, exista uma relação, e essencial. A guerra de posição exige enormes sacrifícios de massas imensas de população; por isto é necessária uma concentração inaudita da hegemonia e, portanto, uma forma de governo mais “intervencionista”, que mais abertamente tome a ofensiva contra os opositores e organize permanentemente a “impossibilidade” de desagregação interna: controles de todo tipo, políticos, administrativos, etc., reforço das posições hegemônicas do grupo dominante, etc. Tudo isto indica que se entrou numa fase culminante da situação político-histórica, porque na política a “guerra de posição”, uma vez vencida, é definitivamente decisiva. Ou seja, na política subsiste a guerra de movimento enquanto se trata de conquistar posições não-decisivas e, portanto, não se pode mobilizar todos os recursos de hegemonia e do Estado; mas quando, por uma razão ou por outra, estas posições perderam seu valor e só aquelas decisivas têm importância, então se passa à guerra de assédio, tensa, difícil, em que se exigem qualidades excepcionais de paciência e espírito inventivo. Na política o assédio é recíproco, apesar de todas as aparências, e o simples fato de que o dominante deva ostentar todos os seus recursos demonstra o cálculo que ele faz do adversário (GRAMSCI, Volume 3, 2002, p. 255-256). Em Gramsci, a noção de hegemonia aparece associada à noção de guerra de posição e guerra de movimento (GRAMSCI, Volume 3, 2002, p. 257).

5 - O Caderno 12 expressa intensamente esta preocupação. Gramsci inicia este caderno perguntando: “Os intelectuais são um grupo autônomo e independente, ou cada grupo social tem uma sua própria categoria especializada de intelectuais?” Já nesta introdução, encaminha a resposta: “O problema é complexo por causa das várias formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das diversas categorias de intelectuais” Gramsci dedica-se nesta notas a projetar os estudos necessários para a resposta a esta questão. (GRAMSCI, 2001, p. 15). Estas notas indicam a relevância que Gramsci atribuía à formação dos intelectuais tradicionais e orgânicos. Afirmando que os intelectuais não são independentes nem autônomos (p. 17), mas vinculados a uma classe, podem ser caracterizados como tradicionais (quando conservadores) e orgânicos (quando comprometidos com a construção de uma nova ordem). O critério de distinção de um intelectual deve ser buscado “no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais. (GRAMSCI, 2001, p. 18). Gramsci preocupa-se principalmente com os complexos processos de formação dos intelectuais tradicionais, analisando o papel que o sistema escolar cumpre neste processo; e com a formação dos intelectuais orgânicos observando com atenção a questão do partido neste processo de formação (p. 24-25). “Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade

Estudando a função política dos intelectuais, Gramsci percebe que estes *organizam a hegemonia*. Argumenta que a classe revolucionária deve produzir seus próprios intelectuais orgânicos que têm a tarefa de construção progressiva de uma outra hegemonia. A estruturação da nova ordem depende da avaliação atenta – por parte dos intelectuais⁶ – das condições objetivas indicativas do momento em que as velhas forças encontram-se enfraquecidas (crise política, social e econômica) e as possibilidades de construção de novas instituições da classe trabalhadora estão colocadas. Assim, as condições para a conquista revolucionária do poder quando surgida a oportunidade de crise do poder hegemônico dependem da construção anterior de uma outra hegemonia, através da formação da consciência de “classe para si”.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre a noção de contra-hegemonia. Dias⁷ argumenta que a noção de contra-hegemonia *indica a referência ao discurso do outro de forma não autônoma*, já na condição de derrotado. Para Dias não se trata apenas de ser *contra*, mas de possuir uma posição de classe autônoma claramente

intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar. O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual, que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que invoca perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. (...) O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasão permanentemente”, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica ciência e à concepção humanista-histórica, sem a qual permanece “especialista” não se torna dirigente (especialista + político).” (GRAMSCI, 2001, p. 53).

6 - A questão dos intelectuais permeia fartamente todos os Cadernos do Cárcere. Em especial, o Caderno 12 apresenta discussão sobre os intelectuais e o princípio educativo. Neste caderno, Gramsci escreve “Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais”. Dentre estes, em especial, destacamos: “... seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (...). Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligações com o grupo social dominante. Uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos” (GRAMSCI, 2001, p. 18).

7 - DIAS, E. F. Acerca da noção de hegemonia em Gramsci. E-mail. Acesso em 13 agosto 2006. Ver também Dias (2000). Mészáros discute a mesma questão: “... a necessária intervenção consciente no processo histórico, orientada pela adoção da tarefa de superar a alienação por meio de um novo metabolismo reprodutivo social dos “produtores livremente associados”, esse tipo de ação estrategicamente sustentada não pode ser apenas uma questão de negação, não importa quão radical. Pois, na visão de Marx, todas as formas de negação permanecem condicionadas pelo objeto de sua negação. E, de fato, é pior do que isso. Como a amarga experiência histórica nos demonstrou amplamente também no passado recente, a inércia condicionadora do objeto negado tende a crescer com o passar do tempo, impondo primeiro a busca de “uma linha de menor resistência” e subseqüentemente – com uma cada vez maior intensidade – a “racionalidade” de regressar às “práticas testadas” do status quo ante, que certamente sobreviverão nas dimensões não estruturadas da ordem anterior” (MÉSZÁROS, 2005, p. 60).

configurada no contexto do confronto de classes. Nesta direção, afirmo que qualquer referência a uma *intervenção “contra-hegemônica”*, conforme anunciado na temática desta mesa, **pede a clara explicitação (1) da posição de classe que vamos assumir enquanto intelectuais orgânicos dispostos a empreender uma guerra de posição; (2) do projeto que – pretendemos – confronte-se com a hegemonia visando sua superação;** (3) além de uma atuação conscientemente direcionada a um fim e articulada em um amplo projeto de construção de uma outra hegemonia, autônoma porque projetada por uma classe para si, segundo seus projetos e perspectivas de futuro.

Dividir para governar... Aqui deparamo-nos com o problema do desprezo moderno pela categoria *luta de classes*, da negação da classe como uma categoria que expresse a verdade das relações sociais...

Néstor Kohan recorda que *em qualquer tipo de confrontação a divisão debilita*. **A retomada teórica da categoria que unifica a condição da maioria dos homens que para produzir sua existência necessita vender sua força de trabalho torna-se central para a estruturação de uma estratégia comum mínima com vistas à superação do modo capitalista de produção da existência e construção de um outro modo de produção da existência baseado na propriedade comum dos meios de produção e dos produtos socialmente elaborados.** A retomada do par categorial força de trabalho/ classe trabalhadora é central para a rearticulação desta massa de explorados, hoje dispersa em microcategorias como “etnia”, “gênero”, “geração” entre outras, pelas quais, convenientemente do ponto de vista histórico, se apaga os processos mais amplos que produzem estas condições⁸.

Do mesmo modo, é preciso recordar “**burguesia**” enquanto expressão que remete à **classe revolucionária diante dos senhores feudais, que derruba formas caducas de produção em diversos movimentos que ocorrem entre os séculos XVIII e XIX**⁹, e que é central para o desenvolvimento do capitalismo. “**Burguesia**” também é, na atualidade, uma categoria dispersa em uma diversidade de subcategorias de capitalistas, cuja identidade central é a posse dos meios de

8 - Ver Engels (1995).

9 - Marx e Engels, 1980.

produção da existência e do direito sobre os bens socialmente produzidos – retransmitidos às gerações futuras pela herança.

Classe hegemônica na atualidade, a burguesia precisa operar o impedimento do acesso ao saber a fim de evitar o reconhecimento das condições históricas que determinam a sua finitude enquanto classe dominante. **Opera o impedimento do acesso ao saber quando (1) mascara a complexidade de sua dominação garantindo a veiculação de ideologias que lhe são favoráveis através da escola, da mídia, da religião; (2) quando nega a centralidade do ensino do patrimônio historicamente acumulado pela humanidade e defende ferrenhamente os processos de “aprender a aprender”¹⁰; (3) quando, no nível superior, controla os processos de produção e veiculação do conhecimento – privilegiando normas burocráticas de disseminação do saber que favorecem às visões de mundo funcionalistas – com vistas à dispersão da possibilidade de uma reflexão científica rigorosa e radical, compromissada com a busca da verdade.**

Enquanto classe hegemônica, a burguesia implementou um modelo, uma concepção de produção da existência que está em vigor desde o segundo quartel do século XIX. Bem sucedido no que toca à concentração da riqueza na mão de poucos, o modelo burguês é um fracasso no que toca à garantia dos direitos humanos e à defesa do planeta em que vivemos. Frente a este fracasso, torna-se central a retomada do socialismo como projeto histórico da classe trabalhadora excluída e expropriada pela crescente acumulação capitalista. A meta de uma sociedade planificada baseada na socialização dos meios de produção e dos bens socialmente produzidos não pode ser descartada como horizonte para a produção da existência de homens iguais entre si e livres para uma auto-atividade significativa.

É a consciência da **tragédia da predominância absoluta do capitalismo como modo de produção da existência dominante no século XXI que me faz somar a outros intelectuais reforçando a fileira dos que reafirmam a relevância e a atualidade da obra de Marx e Engels como referencial imprescindível para “revelar as leis de nascimento, existência, desenvolvimento, morte e substituição dessa sociedade”** (LOMBARDI, 2006, p. 26).

10 - Sobre esta questão, ver Saviani (1983); Duarte (2000, 2003, 2004).

À luz da obra de Marx e Engels e da contribuição de Gramsci ao marxismo, passo a pontuar alguns elementos da (1) *ateia de crenças e relações institucionais e sociais* em que está inscrita a problemática do lazer no Brasil expressa na produção do conhecimento; **ao tempo em que busco** (2) apontar os desafios que temos ante nós quanto à elaboração de outra ordem de crenças e relações institucionais superando a hegemonia dominante no âmbito dos estudos do lazer, por uma hegemonia que prepare as condições para a sociedade socialista.

A teia de crenças e relações institucionais e sociais em que está inscrita a problemática do lazer

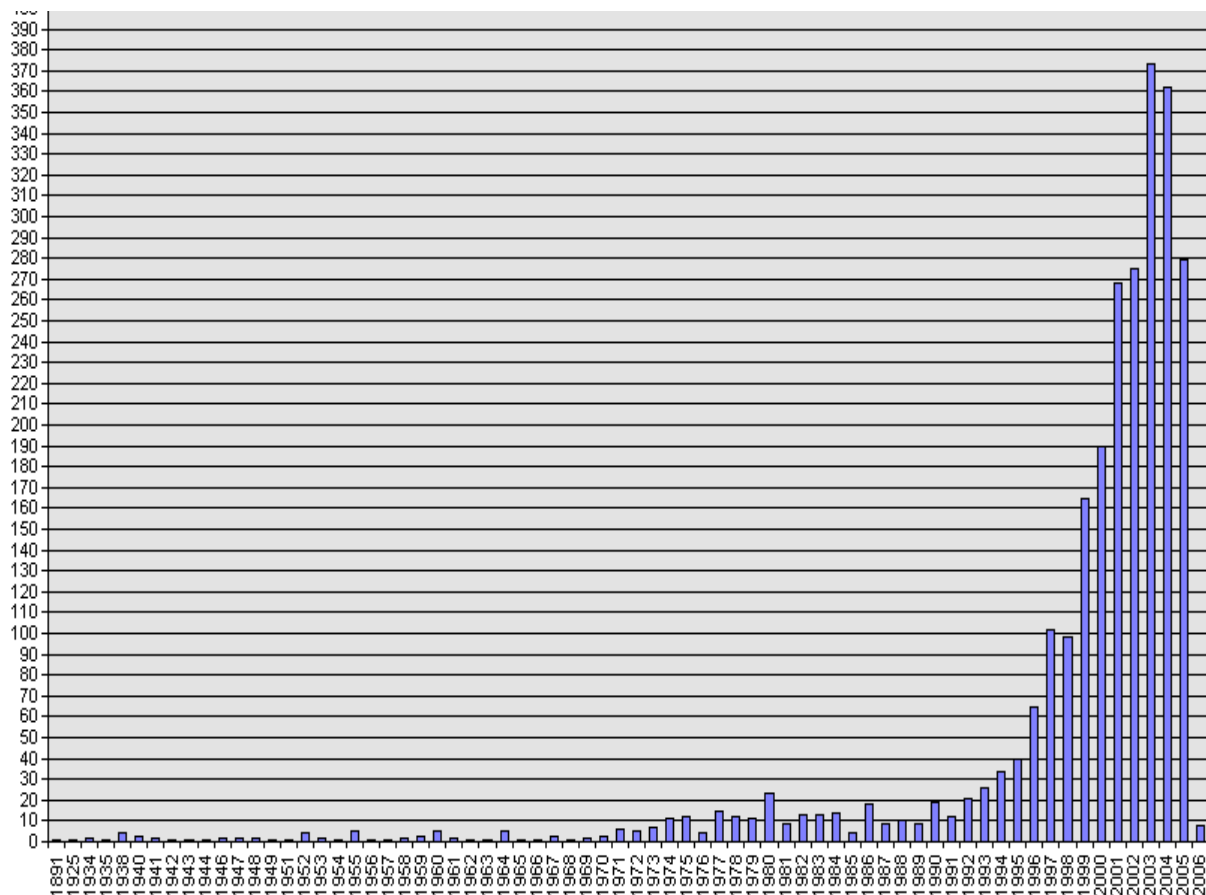
Durante o processo de meu doutoramento iniciado em 2003, tenho privilegiado (1) **a formação teórica e política**; (2) **a revisão crítica do objeto de estudos ao qual tenho me dedicado nos últimos 15 anos**. A formação teórica e política têm passado pelo firme propósito de apropriação da matriz que origina o marxismo. A revisão crítica do objeto tem passado pela **revisão da produção do conhecimento** referente a este objeto.

Concentro-me agora em apontar o que esta revisão bibliográfica tem demonstrado no que toca à teia de crenças que estruturam a compreensão hegemônica sobre a problemática do lazer.

Já informei minha inquietação com a questão da possibilidade de o lazer contribuir com a construção da emancipação humana, que reconheço como uma questão levada às últimas conseqüências por Marx e Engels. Com a finalidade de reconhecer a preocupação com esta questão nos estudos do lazer, tenho me dedicado a analisar a apropriação da obra de Marx e Engels. Para isso, realizei um levantamento¹¹ do estado da arte referente aos estudos do lazer no Brasil.

11 - Este levantamento foi feito considerando-se (a) as referências bibliográficas citadas pelos estudiosos do lazer reconhecidos na atualidade; (b) as referências bibliográficas citadas pelos textos considerados documentos históricos; (c) as teses e dissertações que estão pesquisando a história do lazer (principalmente SANT'ANNA, MARCASSA e GOMES); (d) a produção informada nos currículos cadastrados na Plataforma Lattes, recorrendo, para tanto, às palavras chave recreação, lazer, ócio, e tempo livre; (e) levantamentos bibliográficos realizados nos sistemas de informação eletrônicos das: Biblioteca do Congresso Nacional; Biblioteca Nacional; Bibliotecas das Universidades Públicas Federais de São Paulo, Rio Grande do Sul, São Carlos, Rio de Janeiro e Brasília; Bibliotecas das Universidades Públicas Estaduais de Campinas, Londrina e Maringá; (f) publicações do Serviço Social do comércio, localizadas na Biblioteca do SESC e no acervo das bibliotecas da UEL e UNICAMP.

Considerando apenas livros, capítulos de livros e artigos disseminados¹² em periódicos e eventos localizei 2661 trabalhos publicados entre 1891 e 2006¹³ (Exibir gráfico 1).



Face ao volume da produção localizada e frente à impossibilidade de analisar toda esta produção do doutoramento, seja pela disponibilidade de tempo, seja pelos objetivos delimitados para esta etapa, construí algumas sínteses que permitissem oferecer uma descrição panorâmica das características gerais destes estudos. A partir desta síntese provisória colocada em debate aqui, fazemos a crítica genérica aos *estudos do lazer* apontando seus limites.

No que toca às **áreas do conhecimento¹⁴** marca a produção regular catalogada até este instante a dispersão. Tal dispersão é resultado da

12 - Minha preocupação era com a propagação da idéia de que o marxismo não é referência para a compreensão da problemática do lazer, daí a seleção de textos disseminados em revistas, eventos e editoras.

13 - O conjunto das informações coletadas permitiu a estruturação de um Banco de Dados Acces contendo as referências bibliográficas completas de todos os títulos catalogados – Banco de Dados a que temos chamado ARELB – Arquivo Referente aos Estudos do Lazer no Brasil. Este banco de dados inicial foi apresentado ao Ministério dos Esportes como projeto deflagrador da implantação de Unidade da “Rede CEDES” na Universidade Estadual de Londrina.

complexificação da produção do conhecimento, através da divisão social do trabalho científico em disciplinas, fragmentando o saber e impossibilitando o reconhecimento da complexidade do objeto. Este fato coloca para os pesquisadores o problema da formação voltada à compreensão da totalidade dos fenômenos que, no âmbito do marxismo, implica na compreensão dos processos históricos que configuram a prática social do objeto e da superação crítica dos esforços de compreensão de sua significação social. A compreensão da verdade objetiva sobre o lazer depende da superação das barreiras disciplinares impostas pela visão cartesiana de ciência, e a retomada da **história dos homens produzindo sua existência** como ciência que permite o desvelamento da verdade.

No que toca às **temáticas e problemáticas**, a produção regular catalogada até este instante contempla o que vou generalizar na exposição como 21 temas, sendo central que esta diversidade de abordagens da problemática do lazer encontre-se atravessada pela **tendência predominante** de abandono de qualquer macroteoria explicativa que situe o objeto no macro contexto histórico e social¹⁵ (Exibir gráfico 2), uma questão que espero poder comentar durante os debates.

No que toca à **polissemia e paráfrase**, observa-se que a produção do conhecimento recorre a uma diversidade de termos congelados: “repouso remunerado”, “tempo livre”, “recreação”, “lazer”, “ócio”, “lúdico”. Esta dispersão de termos **oculta em um véu de aparências a problemática central para os estudos do lazer**, qual seja, a forma do trabalho no **modo capitalista de produção da existência**, organizado sob uma complexa divisão social, toda ela voltada para a produção da mais valia e pela total exclusão e desprezo das necessidades daqueles que realizam o trabalho, marcada pelo total impedimento ao homem de uma vida plena de sentido. Esta dispersão de categorias indica a ausência do enfrentamento teórico da problemática a ela subjacente: **liberdade e necessidade na ordem capitalista**, impedindo uma análise crítica e radical na perspectiva de superação do modo de vida no capitalismo.

14 - Aqui, as áreas são identificadas de acordo com a denominação genérica de senso comum. Reconhecemos a Tabela de Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, mas não é objeto deste estudo a identificação da Área, Sub-área específica que corresponde aos setores que se dedicam aos estudos do lazer no Brasil. Vale ressaltar a polêmica deste sistema de organização das áreas do conhecimento que contribui para o agravamento da fragmentação e da compartimentalização dos objetos de saber.

15 - Exceções são observáveis em Antunes (1999), Padilha (2000), Sá (2002, 2003), Mascarenhas (diversos).

Baseada no esforço de interpretação do contexto histórico que leva à preocupação com a problemática do lazer e à implementação de políticas sociais (de interesse privado) e produção do conhecimento, afirmo que, no que toca ao **eixo norteador da produção do conhecimento**, é a preocupação com **a ocupação do tempo livre ou com os “usos do tempo livre” que ocupa boa parte dos estudos do lazer no Brasil**¹⁶. Esta conclusão já foi anunciada por Sant’Anna referindo-se à década de 70. No entanto, (a) o levantamento da produção do conhecimento; (b) o abandono da falsa questão referente à diferenciação entre recreação/lazer, (c) a consulta aos documentos localizados nas décadas de 30 e 40 em diante; (d) o estudo histórico da conjuntura social, política e econômica no período; permitem concluir que aquela preocupação com os usos do tempo livre que Sant’Anna observa na década de 70, inicia-se, na verdade, já nas primeiras décadas do século XX¹⁷, no contexto dos embates travados pela classe trabalhadora contra a exploração do capital, expresso, entre outras bandeiras, na luta pelo direito de redução da jornada de trabalho para a auto-organização enquanto classe. Assim, originariamente, a produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil **coaduna-se com o projeto de conformação da classe operária ao projeto de desenvolvimento econômico burguês para o país**, configurado na década de 30 e predominando até a atualidade, ainda que sofrendo alterações ao longo dos anos. A expressão máxima deste projeto encontra-se no Sistema “S”. Os estudos que fazem a crítica ideológica destas produções são raros e, em muitos casos, carentes de veemência quanto à denúncia sobre a **quem está servindo esta produção**.

Anexo a estas contribuições genéricas que trago para debate, os estudos de Kátia Oliver de Sá (2003) referentes aos **pressupostos ontológicos** dos estudos do lazer no Brasil. A autora levanta 819 trabalhos científicos apresentados, debatidos e publicados no Brasil considerando os principais eventos nos anos de 1999 a 2002. **Deste conjunto, seleciona 319 artigos pelo rigor em sua elaboração**¹⁸, sendo Ciclo de Debates Lazer e Motricidade (24); Seminário “O lazer em debate” (33); Encontro Nacional de Recreação e Lazer (247); Revista Licere (15).

16 - Sant’Anna, (1994); Peixoto (1996)

17 - A fim de confirmar esta tese, ver pesquisas de Marcassa (2002), Gomes (2003) e os documentos históricos produzidos por Sussekind (1946, 1950).

18 - (considerando os critérios: delimitação do objeto, pergunta científica, objetivos, métodos, referencial teórico, sistematização, análise, discussão dos dados e conclusões)

Perguntando ***quais os pressupostos ontológicos que podem ser identificados na concepção de sociedade e de projeto histórico, a partir da produção de conhecimento sobre lazer***, a autora verifica que apenas 13 trabalhos discutem a problemática do lazer no contexto da ênfase do conflito social. 244 trabalhos estão concentrados na concepção funcionalista da sociedade, ou seja, enquadram-se na concepção de equilíbrio social e neutralização dos conflitos de classe.

Acrescento a estes dados, que a investigação quanto à apropriação da obra de Marx e Engels pelos *estudos do lazer* no Brasil permitiu mapear 56 autores/coletivos de autores e 87 trabalhos que fazem referência à obra de Marx e Engels, evidenciando-se, em caráter preliminar, que em boa parte destes estudos, *luta de classes e revolução*, categorias centrais no pensamento de Marx e Engels, não são abordadas.

Indicados os limites, enfrentamos as questões que envolvem a problemática do lazer e a superação do modo capitalista de produção.

A produção de idéias no seio do modo capitalista de produção da existência:

Frente a estas questões, temos de responder à pergunta: *Como a Concepção Materialista e Dialética da História explica a produção do conhecimento?* Eis uma questão teórica que persigo em meu doutoramento, para a qual posso apenas esboçar um caminho. Marx e Engels combatem a lógica predominante no pensamento alemão de que transformar o pensamento resultará na transformação da realidade existente, de que o raciocínio *“provocará necessariamente a queda do estado de coisas existente, quer pelo simples poder do seu pensamento individual quer por tentarem conquistar a consciência de todos”* (1974, P. 7-9). Os autores refutarão esta tese central do idealismo propondo sua contraposição por uma tese materialista: **a possibilidade de revolução é construída nas condições objetivas de produção da existência; a consciência, as idéias, são frutos das transformações decorrentes da busca humana pela produção de sua existência, a revolução só pode ocorrer nas bases objetivas de produção da existência.** A revolução das idéias, a emancipação das idéias, depende do movimento simultâneo da superação das condições objetivas de existência fundamentadas no estranhamento e na alienação.

Considerações finais - Proposições preliminares para a construção de outra hegemonia nos estudos do lazer.

No modo de produção da existência capitalista, o acesso a qualquer bem socialmente produzido (remédios, alimentação, habitação, saúde, vestuário, educação, lazer) depende de ter à disposição o equivalente pelo qual trocamos os bens necessários à nossa sobrevivência. A inexistência deste equivalente *impede* o acesso a qualquer objeto da necessidade, reduzindo os homens a roedores destinados às sarjetas. Nestas condições, baixos salários ou a ausência de salários significa, efetivamente, a morte. Este dado primeiro da relação de qualquer um de nós com o modo como produzimos nossa existência hoje nos faz reconhecer objetivamente que qualquer discussão sobre o lazer deslocada desta determinação social, política e econômica é uma reflexão alienada e alienante. Este é, pois, o primeiro princípio para o reconhecimento da verdade sobre o lazer.

Desta determinação, surge uma segunda: no modo capitalista de produção da existência, baseado na apropriação privada dos meios de produção, dos processos de produção e dos produtos, o acesso a qualquer valor de uso na forma da troca por um equivalente em dinheiro, coloca todos os valores de uso, independente do grau de necessidade que nos impulsiona em sua direção, na condição de mercadorias. Assim, os homens e os objetos de que necessitam, todos, sem exceção (o alimento, a casa, o caixão, a privada), convertem-se em mercadorias às quais os homens só têm acesso se dispenderem o equivalente em dinheiro estipulado pelo capitalista como valor de troca.

Ora, pela divisão social do trabalho (resultado do desenvolvimento histórico das forças produtivas), os homens produzem classes de homens diferenciados entre si em virtude do tipo de ocupação que assumem e pelo tipo de salário que recebem. O acesso ao lazer depende, na divisão social do trabalho, da classe a que os homens pertencem. A discussão sobre o lazer da classe trabalhadora não pode apagar este fato: pela divisão social do trabalho, o trabalho necessário à produção dos bens de que todos necessitam dá-se de forma fragmentada e diferenciada. Uns homens produzem poesias, outros, alimentos, outros transportes. Este fato histórico explicita que os homens estão impedidos de desenvolver outras potencialidades fora daquelas necessárias à execução do trabalho a ele reservado (por processos complexos de estratificação social) pela

divisão social do trabalho. Ou seja, **todo o avanço tecnológico que alcançamos na modernidade não viabiliza, tal como idealizaram os teóricos da sociedade do lazer, o acesso ao tempo livre, à atividade livre, à criação, o desenvolvimento humano, porque por injunção da hegemonia burguesa que caracteriza o modo capitalista de produção da existência as habilidades dos homens são reduzidas e direcionadas a uma única atividade: ao trabalho sem sentido que produz o valor tão caro ao capitalista.**

Todos os bens socialmente produzidos são produzidos por todos os homens trabalhando conforme a divisão social do trabalho em sua forma moderna extremamente complexa. No entanto, o acesso aos bens socialmente produzidos não é garantido a todos os homens, predominando a concentração dos meios de produção e dos produtos nas mãos de pequenas parcelas da classe burguesa. É sob estas condições que devemos enfrentar a discussão do lazer, eixo primeiro em torno do qual se move qualquer projeção revolucionária de um outro modo de vida, de uma outra hegemonia, para os homens que trabalham subsumidos aos interesses hegemônicos no modo capitalista de produção da existência.

Defronto-me com as questões que estão ideologicamente subjacentes aos estudos do lazer, costurando as diferentes proposições: (1) o lazer é um direito histórico; (2) um espaço no qual as injunções são reduzidas, e por isso um espaço com perspectiva real de visão da condição miserável em que vivem os trabalhadores; (3) o lazer é espaço de auto-realização, na medida em que permite ao homem o desenvolvimento, o descanso e o divertimento “impossíveis” na esfera do trabalho; (4) o lazer apresenta-se como espaço que anuncia a nova sociedade baseada menos no trabalho como um vício e mais na fruição da vida e da cultura etc. Configuradas de modo a apagar as contradições e os conflitos presentes na fruição da prática social do lazer, nas políticas públicas e na produção do conhecimento, tais afirmações são apenas “enfeites” discursivos que florescem as “cotas” de artigos que devemos expelir pelo bem da burocracia e das corporações que temos legitimado subservientes a este processo.

Trata-se de reconhecer a verdade histórica posta em essência na relação trabalho/lazer, algo bastante claro e caro aos grandes pensadores do final do século XVIII e início do século XIX: no cerne da relação trabalho/lazer

encontramos a discussão sobre necessidade e liberdade. A história da humanidade é a história dos homens buscando libertar-se dos vínculos aprisionantes referentes às necessidades naturais em busca da perfectibilidade, da liberdade, da atividade livre. Abrir mão desta matriz histórica e dos compromissos políticos que ela exige, matriz que impulsionou e impulsiona todo o avanço tecnológico; que está por trás da profusão moderna de *papers*, é o grande crime que vem sendo cometido pelos *estudos do lazer*, para além do crime de reduzir toda a produção à subserviência aos interesses de mercado.

Os estudos do lazer só farão algum sentido do ponto de vista histórico se recolocarem em cena a denúncia contínua da extrema miséria a que os homens estão reduzidos e condenados, nesta profusão de consumo descartável a que nos trouxemos enquanto humanidade. Nesta direção, a contribuição da obra de Marx e Engels, gigantes do pensamento revolucionário, é central – e por isso tão temida, perseguida, negada – pois permite visualizar as bases materiais que apontam como saída o modo de produção da existência baseado na propriedade comum dos meios de produção, no fim da divisão social do trabalho, na universalização do trabalho e da educação, no fim das classes sociais, no exercício, para além do trabalho necessário à sobrevivência coletiva, da atividade livre.

Findo este percurso, que nos prepara para o debate, considero relevante colocar alguns desafios postos para os estudiosos do lazer e aos intelectuais orgânicos em geral, quando orientados pelo esforço de transformar e interpretar a realidade na perspectiva do materialismo histórico e dialético. A meu ver, as grandes questões que temos de enfrentar **referem-se à superação da miséria imposta como única alternativa para a satisfação das *necessidades* no modo capitalista de produção da existência.** No âmbito da miséria não pode haver liberdade, não pode haver atividade livre (atividade que permite o desenvolvimento das potencialidades humanas, tal como projetada por Marx e Engels, homens profundamente apaixonados pela humanidade). Qualquer tentativa de movimento na direção desta superação restrita à prática social, às políticas públicas ou à produção do conhecimento no âmbito dos estudos do lazer é ingênua, reformista e idealista. A superação do capitalismo passa pela construção de *“uma alternativa concreta a essa*

*forma de controlar a reprodução metabólica social*¹⁹. A construção de outra hegemonia, uma ação pedagógica orientada por um programa político claramente delimitado, caminha junto com o processo de construção de outro modo de produção da existência aqui e agora. Enfrentar o problema é o primeiro passo para apreender sua superação.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. L. C. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

BRAGA, L. S. *Uma civilização sem alma? educação e revolução passiva*. 2005. 191f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BADALONI, N. Marx e a busca da liberdade comunista. IN: HOBBSAWM, Erick. *História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 208)

DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim: a formação do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

DUARTE, Newton. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões*. Campinas: Autores Associados, 2003.

DUARTE, Newton. *Sobre o construtivismo*. Campinas: Autores Associados, 2000.

DUARTE, Newton. *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas: Autores Associados, 2004.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. IN: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa Omega,

FERNANDES, Florestan. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. IN *Marx e Engels: História*. São Paulo : Ática, 1989.

FROMM, Erich. *Conceito marxista de homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GOMES, C. L. *Significados da recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. 322f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 2 ed. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 2 ed. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

19 - Mészáros (2005, p. 72).

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HARVEY, David. Pós-modernismo. In _____. *Condição pós-moderna*. São Paulo : Loyola, 1992. P. 45-67.

HOBBSBAWM, E. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSBAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOHAN, Nestor. *La herança del fetichismo y el desafio de la hegemonia em uma época de rebeldia generalizada*. In: Encontro Internacional CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE. Serpa e Moura, 23-25/Setembro/2004. Disponível em: <http://resistir.info/serpa/comunicacoes/comunicacoes.html>. Acesso em: 16 ago. 2006.

LOMBARDI, José Claudinei. Historiografia educacional brasileira e os fundamentos teórico-metodológicos da história. IN _____. (Org.) *Pesquisa em educação : história, filosofia e temas transversais*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC:UnC, 2000.

MAESTRI, Mário; CANDREVA, Luigi. *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MARCASSA, L. *A invenção do lazer: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo*. (1888-1935). 2002. 204f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MARX e ENGELS. *Manifesto do partido comunista*. IN _____. *Obras escolhidas*. São Paulo : Alfa Omega, 1980. p. 13-47.

MARX, Karl. Crítica ao programa de Gotha. IN: MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

MARX, Karl. Propriedade privada e comunismo. IN: _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004 P. 103-114.

MARX, Karl. Trabalho Estranhado (extrato). *Idéias*, Campinas, Ano 9 (2), 10 (1), p. 455-472, 2003.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. IN: _____. *Manuscritos econômico- filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004 P. 79-90.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas*. Porto/ São Paulo: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes, 1980. 2 v.

MÉSZÁROS, István. Economia, política e tempo disponível: para além do capital. *Margem Esquerda* – Ensaio marxistas, São Paulo, n. 1, p. 93-124. 2003.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas: Alínea, 2000.

PAULO NETTO, José. Relendo a teoria marxista da história. IN SANFELICE, José Luís; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. *História e história da educação*. 2 ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

SÁ, K. O. de. Lazer, trabalho e educação. Pressupostos ontológicos dos estudos do lazer no Brasil. 2002. *Dissertação* (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade federal da Bahia, Salvador.

SÁ, K. O. de. Pressupostos ontológicos dos estudos do lazer no Brasil. IN CHAVES, Márcia; GAMBOA, Silvio Sanchez; SÁ, Kátia. *Lazer e recreação no currículo de educação física*. Maceió : EDUFAL, 2003. p. 155-197.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O prazer justificado: história e lazer (1969/1979)*. São Paulo : Marco Zero/MCT/CNPq, 1994.

SASSON, Anne Showstack. Antnio Gramsci. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P. 165-167.

SASSON, Anne Showstack. Hegemonia. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. P. 177-178.

SAVIANI, Dermeval. A teoria da curvatura da vara. In: _____. *Escola e democracia*. São Paulo: Autores Associados, 1987.

SUSSEKIND, Arnaldo. *Duração do trabalho e repousos remunerados*. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, S.A., 1950.

SUSSEKIND, Arnaldo. *Trabalho e recreação: fundamentos, organização e realizações da S.R.O*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia livre. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 02 set 2006.